12

# BARROCO

BARROCO NO BRASIL/Arquitetura e Artes Plásticas
CORRELAÇÕES, FONTES E INFLUENCIAS
BARROCO NO NORTE/NORDESTE/SUDESTE
BARROCO MINEIRO
BARROCO NO SUL E CENTRO-OESTE

Diretor AFFONSO ÁVILA
Secretário HÉLIO GRAVATÁ
Planejamento gráfico MYRIAM ÁVILA

# 12
# BARROCO

ANOS 1982/3

AFFONSO ÁVILA
BENEDITO NUNES
DAMIÁN BAYÓN
TERESA GISBERTI
JOSÉ DE MESA
MARCO DÍAZ
ANTÔNIO PEDRO GOMES DE ALCÂNTARA
PAULO ORMINDO D. DE AZEVEDO
SÔNIA AROEIRA NEVES
MÁRIO BARATA
DONATO MELLO JÚNIOR
GILKA GOULART DE SANT'ANNA
VALDETE CELINO PARANHOS DA SILVA
JOSÉ ANTÔNIO CARVALHO
GIOVANNA ROSSO DEL BRENNA
HUGO M. SEGAWA
MYRIAM ANDRADE RIBEIRO DE OLIVEIRA
PEDRO MANUEL GISMONDI CAMINADA
MARINA EWELIN WASNER MACHADO
LUÍS DE MOURA SOBRAL
MOACYR LATERZA
SUZY DE MELLO
IVO PORTO DE MENEZES
ANNATERESA FABRIS
OLINTO RODRIGUES DOS SANTOS FILHO
MARIA DAS MERCÊS VASQUES BITTENCOURT
J. N. B. DE CURTIS
SANTIAGO SEBASTIÁN LÓPEZ
MURILO MARX
ARACY AMARAL
CYRO CORRÊA DE OLIVEIRA LYRA
HELIANA ANGOTTI SALGUEIRO
CARLOS FRANCISCO MOURA
TILDE CANTI
FRANCESCA CAVALLI
RICCARDO AVERINI

# Alpendres na Arquitetura Religiosa: Revendo as Teorias

**Paulo Ormindo D. de Azevedo**

No prefácio à 1ª edição de *Casa-Grande e Senzala* (1933), Gilberto Freyre afirmava: *"Se a casa-grande absorveu das igrejas e conventos valores e recursos de técnica, também as igrejas assimilaram caracteres da casa-grande: o copiar, por exemplo. Nada mais interessante que certas igrejas do interior do Brasil com alpendre na frente ou dos lados como qualquer casa de residência".*

O arq. Luís Saia, em artigo publicado em 1939, contestou a tese de Freyre argumentando que a solução já havia sido utilizada na Europa e que a zona de ocorrência do copiar não coincidia, necessariamente, com a da casa-grande. Segundo Saia esta tradição foi introduzida no Brasil já plenamente desenvolvida e teria sua origem no "nártex" das basílicas cristãs primitivas. *"Em segundo lugar, a escolha do exemplo da basílica serve para indicar um fato que me parece de extrema importância para o estudo do alpendre nas capelas: o acesso ao templo proibido a determinadas classes ou, melhor, a pessoas em determinadas condições. É evidentemente uma razão que justifica a construção do alpendre".*[1] Cita o fato de participantes de algumas danças e "congos" não terem acesso à igreja. Ele admite, porém, que a permanência dos alpendres no Brasil poderia estar associada à falta de espaço para abrigar o número extraordinário de pessoas, em especial escravos, durante as festas. A razão mais forte para rejeitar a tese de Freyre seria, segundo Saia, a *"visível diversidade da solução técnica de fatura do alpendre na residência e na igreja".*[2]

Não tardou muito, e outro pernambucano, o poeta e engenheiro Joaquim Cardoso, saiu em socorro da tese de Freyre: *"Observa-se, então, que a capela, na sua passagem do interior da casa-grande para o exterior, fica instalada num recanto da varanda, que é então utilizada como "nartex" e não é absurdo admitir-se que, ao descer da varanda para se colocar ao largo da casa, tenha levado consigo a necessidade de um alpendre; neste caso, apesar da excelente documentação do Sr. Luís Saia, no seu artigo já citado, ser toda ela verdadeira, isso de modo algum invalida a possibilidade de uma redescoberta, e assim pode-se muito bem aceitar, em alguns casos bem se vê, a sugestão do Sr. Gil-*

*berto Freyre de que as capelas tenham herdado o seu alpendre das casas-grandes".*[3]

Germain Bazin preferiu não entrar na disputa e constatou, apenas, que em quadros de Frans Post aparecem alguns conventos franciscanos do Nordeste com copiar antecedendo suas fachadas. Segundo ele, os Franciscanos poderiam ter tomado o copiar emprestado às capelas rurais, onde este elemento foi utilizado de forma contínua do século XVI ao XVIII.[4] Bazin não discute, porém, a origem do alpendre.

Estimulado pela polêmica formada em torno do assunto, Freyre volta ao tema introduzindo nas edições posteriores de seu famoso livro uma longa nota na qual rejeita os argumentos de Saia e reafirma o dito em 1933.

Não podia o copiar ter sido herdado da casa-grande por duas razões: primeiro, porque existem exemplos de alpendres em capelas portuguesas idênticos aos nossos, anteriores à colonização; segundo, porque não podiam as nossas capelas alpendradas, cujas primeiras notícias remontam ao séc. XVI, se inspirarem nas casas avarandadas, pois estas só surgiram entre nós em meados do séc. XVIII.[5]

Saia tem razão quando afirma que aquela solução foi introduzida no Brasil já plenamente desenvolvida. Basta consultar os quatro tomos publicados do *Inventário Artístico de Portugal* e o volume *Arquitetura Popular em Portugal,* editado pela Associação dos Arquitectos Portugueses, para nos darmos conta de que as soluções ali adotadas são as mesmas que foram transplantadas para o Brasil.[6] Menos líquida me parece a segunda parte de sua tese de que a origem e função do alpendre coincidem com a do "nártex" das igrejas cristãs primitivas; entre outras razões, porque a solução técnica da fatura do copiar não coincide com a do "nártex", para usar o mesmo argumento de Saia.

Sem dúvida, uma das tipologias mais freqüentes na arquitetura cristã primitiva era a planta basilical antecedida por um "nártex" em forma de alpendre de meia-água disposto ao longo do frontispício, como uma franja. Além do exemplo apresentado por Saia, San Lourenzo Fuori le Mura, pode-se citar a primitiva igreja de San Paolo Fuori le Mura, também em Roma, e as igrejas de Sant'Apollinario Nuovo e Sant'Apollinario in Classe, em Ravena. Esta tradição foi mantida na arquitetura românica do norte de Portugal. Várias são as capelas que conservam em suas fachadas os cachorros que sustentavam estes alpendres de meia-água, a exemplo da igreja de São Martinho de Mouros e das ermidas de Milen e Tarouca, na Beira Alta; capelas de São Miguel do Castelo, em Guimarães, São Facundo, em Vinhais, e Catedral de Vila Real, no Douro. Nesta última há vestígios de que o alpendre contornava também uma das fachadas laterais.

É curioso notar que nenhuma destas capelas ou igrejas manteve o "nártex". É que este elemento cumpria uma função muito específica da Igreja primitiva, a de abrigar e, ao mesmo tempo, segregar catecúmenos, penitentes, enfermos, loucos e possessos que vinham mendigar o batismo, a absolvição, a cura e o exorcismo. O "nártex" era, na verdade, um limbo estendido ao longo da fachada coando o ingresso às várias naves da igreja. Alí os pecadores deviam expiar suas culpas, antes de poderem ingressar nela.

Sem dúvida alguma o alpendre das capelas luso-brasileiras tem características morfológicas e funcionais muito distintas do "nártex" da arquitetura proto-cristã e sua origem é, provavelmente, outra. O esclarecimento desta questão só pode ser encontrado em Portugal, já que não acrescentamos praticamente nada à evolução desse gracioso elemento. A nossa contribuição se deu, ao meu ver, numa etapa mais avançada, na transformação destes alpendres em galilés e corredores laterais, mas isto é assunto para outro trabalho.

## AS PRONAUS FECHADAS PORTUGUESAS

Em recente passagem por Portugal surpreendi-me com estruturas fechadas que precedem as naves de muitas capelas rurais da região central e sul do país. Tentei, inclusive, seguir a evolução destes elementos até as suas formas mais desenvolvidas e difundidas: o alpendre de planta quadrada recoberto por telhado de três águas, e o alpendre de meia-água envolvendo dois ou mais lados do templo, ambos suportados por colunas, geralmente, toscanas. É deste assunto que me ocuparei a seguir, com a ressalva de que se trata de um esboço de interpretação, já que a minha curta permanência naquele país e a dificuldade de encontrar, no Brasil, a bibliografia pertinente não me permitiram maior aprofundamento.

A estrutura do gênero mais antiga encontrada em Portugal data do século X, contemporânea, portanto, da primeira reconquista. É a igreja paroquial de Lourosa, em Oliveira do Hospital, Distrito de Coimbra, descoberta em 1911 pelo prof. Vergílio Correia e restaurada em 1930 (fig. 1 e 4). A construção, datada do ano 912D.C., pertence fundamentalmente ao moçárabe, embora utilize materiais anteriores e esteja superposta por elementos românicos. Trata-se de uma igreja com transepto e três naves separados por arcarias em ferradura de cavalo. Precede a nave central uma pronau recoberta por telhado de duas águas, tendo como única abertura um arco pleno de acesso. Este vestíbulo foi um dos elementos que melhor se conservaram da igreja primitiva e sua autenticidade está comprovada pelo cordão tipicamente moçárabe de seu arco.[7]

Lourosa não é o único exemplo, mas o mais antigo. No Alentejo, onde sobrevivem tão fortemente traços da cultura mourisca, existem dois outros templos com vestíbulos semelhantes, embora menos reclusos. O primeiro é a capela de Trindade, com uma pronau também recoberta por telhado de duas águas e com enormes contrafortes nas esquinas. A entrada se faz por um grande "ajimez" frontal, embora existam dois outros arcos de acesso em seus flancos.[8] Infelizmente não consegui informação sobre sua fundação, mas é evidente a influência árabe em seu estilo. Outro exemplo é a capela de Santo André,[9] em Beja, que apresenta um vestíbulo também vazado por arcos e recoberto por telhado de meia-água. É uma capela gótica tipicamente alentejana, atarracada e imprensada entre contrafortes cilíndricos coroados por coruchéus cônicos, semelhante a S. Brás de Évora.

É fácil compreender que o árabe, tão intimista em sua forma de ser, da mesma maneira que protegia a vida familiar da visão do público através do saguão de acesso ao pátio, procurasse, também, criar um espaço de transição entre a rua e o templo. Esta tradição de saguões fechados que antecedem às capelas perdurou em uso até o século XVI, pelo menos, na Estremadura e Alentejo. No Concelho de Mafra tive oportunidade de identificar várias destas capelas, dentre as quais posso citar as seguintes:

*Igreja de São Miguel,* em Milharado. Apresenta um saguão profundo tendo como única abertura um arco de aceso. A julgar pela portada manuelina da nave e pelas nervuras do arranque da abóbada de um anexo, trata-se de obra do início do século XVI, embora modificada em mais de uma oportunidade, como atestam a data de 1609 assinalada na porta do púlpito e a de 1748 em um dos painéis de azulejos que revestem seu interior. Também o exterior foi reformado, provavelmente no século XVII.[10]

*Igreja de Santo Isidoro,* situada à margem da estrada que liga Mafra à Ericeira. Nave precedida de pronau fechada tendo como única fonte de iluminação o arco pleno de entrada.

A característica mais interessante deste vestíbulo é sua cobertura em abóbada de aresta com extradorso quase plano. Esta disposição sugere que algumas galilés de igrejas populares nasceram da transformação de terraços semelhantes em coros. Trata-se, também, de igreja do século XVI, como indicam seus retábulos renascentistas e algumas imagens, notadamente a do orago.[11] Como a anterior, sofreu modificações ao longo do tempo. Na nave, por exemplo, há azulejos datados de 1671 e sobre a porta de entrada está gravado o ano de 1732.

*Ermida de São Julião,* situada a dois passos em direção sul de Ericeira. Esta capela apresenta, como as demais, um saguão fechado com cobertura de duas águas e uma particularidade: ingresso lateral. Embora situada no bordo de uma falésia que despenca sobre o mar, em sua frente existe espaço suficiente para um adro, onde está localizado o cruzeiro. O ingresso lateral de seu saguão só se explica como proteção à intimidade do templo. Vale lembrar que, em 1585, já existia ali um ermitão terceirense famoso: Mateus Álvares, que se dizia reencarnar D. Sebastião, com a conivência de Pedro Afonso, lavrador do Rio de Mouro, e Gregório de Barros, ourives de El-Rei.[12] Sobre o portal da nave está gravado o ano de MDCCLVIII, que se refere a alguma reforma, possivelmente a que revestiu integralmente de azulejos sua nave. Sua fenestração é do tipo T, formada por uma porta central ladeada por duas janelas sob uma verga contínua. Envazadura semelhante é encontrada, também, nas igrejas de Assafora e Serra, que analisaremos mais adiante.

*Capela de N. Sra. do Porto,* em Carvoeira. Exibe um vestíbulo fechado recoberto por telhado de duas águas e um interessante portal construído por um arco central articulado a dois pequenos vãos retangulares. Não consegui nenhuma indicação da data de sua construção, mas por seu portal podemos situá-la no final do século XVI. O desenho de sua portada, de origem Palladiana, foi introduzido em Portugal pelo Arq. Diogo de Torralva, que o utilizou no claustro principal de Tomar, iniciado em 1554, combinado com outros elementos de Bramante e Sérlio.[13] A partir deste exemplo se difundiu na arquitetura religiosa erudita, especialmente em galilés, e desta teria passado à popular.

Desde muito cedo, como se pode observar nas capelas de Santo André e Trindade, no Alentejo, esboça-se uma tendência de abrir a caixa cega do saguão através do vazamento de arcos. Numerosos são os exemplos de templos deste tipo dos séculos XVI e XVII. Dentre outros, podemos citar: as capelas de S. Sebastião, na estrada de Stº Antônio dos Olivais ao Tovim; N. Sra. dos Remédios, em Arieiro, e N. Sra. da Graça, em Cruz dos Mouruços, todas do século XVI e situadas nos arredores de Coimbra; a igreja da Madalena, em Monforte, Portalegre, originária do século XV mas reformada em 1663; [14] e a igreja de N. Sra. da Saúde, em Montalegre, Vila Real.[15] Em Cabo Verde encontrei um alpendre deste tipo na capela de N. Sra. da Graça, em Chão de Tanque, Santiago, construída na segunda metade do século XVII pelos Capuchinhos.

## DO SAGUÃO AO ALPENDRE DE TRÊS ÁGUAS

A abertura de arcos na caixa do vestíbulo criava um problema de difícil solução. Na igreja de Trindade adotaram-se contrafortes nas esquinas para absorver o empuxo dos arcos, mas este expediente trazia outros inconvenientes. Partiu-se, então, para duas alternativas cons-

trutivas. Na zona rural, onde os recursos técnicos e econômicos eram menores, preferiu-se substituir a caixa de muros vazada por arcos por um sistema arquitravado mais leve e econômico: o alpendre. Na capela de Santo Antão de Loreaga, em Serra, Santarém, se conserva um testemunho tardio (1602) de transição do saguão para alpendre, através da adoção de um sistema arquitravado em pedra.[16] Nas cidades, onde os arquitetos dispunham de maiores possibilidades, preferiu-se o pórtico recoberto por abóbadas de aresta, como se pode notar em várias igrejas de Évora.

O processo de transformação da caixa fechada em alpendre se processa, aparentemente de duas maneiras (fig. 2). No norte, pela substituição das paredes laterais do vestíbulo por colunas, mantendo-se a frontaria do vestíbulo. Dois exemplos ilustrativos deste fenômeno são as capelas de Sta. Maria Madalena, em Lindoso, e de Barroso,[17] no Minho e Douro. Na região central do país a transformação se dá de maneira inversa, pela eliminação do frontíspicio com a manutenção dos muros laterais. Exemplo deste fato é a Capela de Zambujal, em Porto de Mós,[18] onde se mantém o telhado de duas águas, eliminando-se apenas o frontispício. Mais evoluída em direção ao alpendre inteiramente aberto é a ermida do Espírito Santo, na entrada da povoação de Enxova do Bispo, Mafra. Ali, além da eliminação da frontaria, aparece uma terceira água, exigindo a colocação de dois colunelos em substituição à fachada. Muito interessante como elo dessa evolução é a capela de N. Sra. da Luz (1609), em Castelo de Vide, Portalegre, que adota a solução da anterior, mas conserva nas paredes laterais arcos entaipados por tijoleira.[19]

No momento em que o saguão se abre totalmente e se adota o telhado de três águas como forma de melhor proteger da chuva e do sol aquele espaço, os construtores portugueses recorrem, ao que tudo indica, a uma solução construtiva já consagrada na arquitetura civil: os pequenos alpendres de proteção da entrada de residências populares e nobres. Na verdade, foi necessário apenas ampliar a escala, pois todos os problemas construtivos já estavam resolvidos. Translada-se para a arquitetura religiosa, inclusive, as muretas-bancos dos alpendres de residências.

Como vestígio da antiga caixa de muros sobrevivem em muitos alpendres os velhos cunhais transformados em pilares quadrados de canto, rematando o renque de colunelos cilíndricos que formam cada uma de suas fachadas. O exemplo mais eloqüente deste fato é a capela de N. Sra. da Piedade, em Vila Nova, Miranda do Corvo, edificada na segunda metade do século XVI, e meca de uma famosa romaria. Os pilares de esquina de seu alpendre assumem proporções de verdadeiros gigantes culminados por toscos coruchéus piramidais.[20]

## ALPENDRES DE MEIA ÁGUA ENVOLVENDO A NAVE

Já vimos que o vestíbulo que antecede a nave da capela de S. André, em Beja, é recoberto por telhado de meia-água. Embora este tipo de cobertura não seja o mais comum, existem outros exemplos, como a igreja paroquial de Santo Amaro, em Sousel, Portalegre, originária do século XV,[21] cuja única envazadura do seu saguão é o arco de acesso. Em alguns casos este corpo fechado recoberto por telhado de meia-água se prolonga por uma das fachadas laterais. É o caso das igrejas paroquiais de Assafora e S. João das Lampas, que têm como acesso uma bela portada manuelina, embora sua torre seja barroca, ambas situadas no distrito

de Lisboa. Nos dois casos o corpo lateral termina em um alpendre formado por pequenas colunas apoiadas sobre peitoril alto. Do mesmo gênero, embora assuma caráter muito particular devido a sua planta circular, é a igreja de São Mamede de Janas, em Azenhas do Mar, Sintra.[22] Não consegui indicações sobre a época da sua construção, mas sua planta lembra algumas igrejas cristãs primitivas e bizantinas (fig. 1).

Estes são os únicos vestíbulos que apresentam solução construtiva semelhante à dos "nártex"; mas, por outro lado, algumas diferenças fundamentais. Primeiro, o "nártex" nunca era fechado, nem envolvia duas fachadas da igreja. Em segundo lugar, estes vestíbulos se difundiram na Estremadura e no Alentejo e não no Douro, onde havia a tradição do "nártex", embora esta tenha sido abandonada completamente.

O envolvimento da nave por alpendres poderia ser explicado por razões climáticas. Efetivamente aquelas regiões apresentam invernos temperados e verões muito quentes, com precipitações anuais médias de apenas 500 m/m. Ali são freqüentes os avarandados nas residências, servindo de transição entre o exterior tórrido e o interior ameno;[23] mas sua reclusão só se explica por razões culturais: proteção da intimidade do templo.

Tal como aconteceu com o saguão quadrado, o vestíbulo linear, disposto ao longo de uma ou duas fachadas do templo, foi se abrindo; numa primeira fase pelo vazamento de seus muros externos por arcos e, depois, pela substituição destes por colunata de sustentação do alpendrado. São exemplos do primeiro caso: a igreja de N. Sra. do Monte, em Santarém, datada de 1548,[24] que tem suas fachadas principal e lateral direita envolvidas por arcaria renascentista; e a capela da Encarnação, situada em uma colina a leste de Leiria, contornada em três lados por arcos. A construção desta última é posterior a 1583 e anterior a 1658.[25] São exemplos do último caso: a ermida de N. Sra. da Conceição da Ribeira, Santarém, reedificada, em 1578, pelo Cardeal D. Henrique, com alpendre em duas fachadas contíguas; e a capela de São Mateus, em Soure, Coimbra, reformada no século XVI, quando foi envolvida por alpendres em três lados.[26] Do mesmo tipo é a igreja da Guia, no Centro Litoral.[27]

Convém salientar que alpendres exclusivamente laterais são relativamente raros em Portugal. Aparecem, contudo, em algumas pequenas capelas populares, como Sta. Catarina, na Vila do Conde, e Sobral.[28] A proporção retangular de suas plantas indica que sua função está mais ligada ao abrigo do que à circulação. Muito curiosos são os alpendres corredores da igreja paroquial de Encarnação, Mafra, reconstruída depois do terremoto de 1775.[29] É possível que tenha havido, neste caso, influência brasileira, pois a solução é muito semelhante à adotada, um século antes, na capela de S. Brás, em Santo Amaro, e desenvolvida em outras igrejas do Recôncavo baiano. Pela complexidade deste tema, prefiro tratá-lo em outra oportunidade.

Devo fazer referência a um tipo especial de capela alpendrada de planta poligonal. Já vimos que S. Mamede de Janas, em Sintra, apresenta um alpendre parcialmente fechado, envolvendo aproximadamente meia circunferência de sua nave. De um tipo mais evoluído, e provavelmente de influência renascentista, são as capelas de São Gregório (Séc. XVI), em Tomar, e N. Sra. de Ceiça, em Marinha das Ondas, Figueira da Foz, reconstruída, em 1602, pelo Fr. Manuel das Chagas, abade do mosteiro homônimo.[30] Ambas possuem planta octogonal recoberta por cúpula facetada e alpendre de meia-água, envolvendo a nave. A solução lembra o templete de San Pietro in Montorio, de Bramante, mas como vimos, tem antecedente em Portugal. Houve neste caso, aparentemente, uma convergência

da tradição autóctone com modelos renascentistas importados.

Resumindo: apesar do "nártex" ter sido utilizado na arquitetura românica do Douro e Minho, regiões tradicionalmente cristãs, nenhum de seus exemplos chegou até nós. Os atuais alpendres luso-brasileiros parecem resultar da evolução da pronau fechada, espécie de saguão, que protegia o santuário da indiscrição dos estranhos. Tais vestíbulos são encontrados nas regiões conquistadas aos árabes, especialmente naquelas em que eles deixaram maiores traços culturais, como o Alentejo e a Estremadura, províncias, por outro lado, com um regime climático árido, bem distinto do norte. No seu processo de abertura e transformação em alpendres, alguns destes elementos, aliás os menos difundidos, assumiram feições semelhantes à do "nártex", o que pode não ser um mero acaso. Deve ter havido nesta caminhada a interação de fatores de várias ordens: culturais, históricos e mesológicos, mas a sua origem é, ao meu ver, muito mais mourisca que cristã.

## OS ALPENDRES NA ARQUITETURA RELIGIOSA BRASILEIRA

Data de 1570 a primeira notícia sobre capelas alpendradas no Brasil. A ermida de N. Sra. da Penha, na Vila Velha, Espírito Santo, já possuía, naquela época, *"alpendre ou copiarzinho, junto ao portal, que entra a ela"*.[31] Convém lembrar que copiar, ou copiara, é termo de origem tupi, cujo significado primitivo não se conhece bem, mas que na linguagem corrente equivale à tacaniça portuguesa, ou seja, a parte triangular dos telhados de três ou quatro águas, e por extensão ao alpendre deste tipo.[32] A adoção deste nome vernáculo denota a semelhança dos alpendres portugueses com construções autóctones e sua fácil assimilação. Como já vimos, os alpendres foram transplantados para o Brasil em duas formas plenamente desenvolvidas e consolidadas:

1º) o de uma construção de planta aproximadamente quadrada recoberta por telhado de três águas, ou eventualmente de duas, sustentado por pilares de seção quadrada ou circular, que se justapõe ao frontíspicio da capela;

2º) o de uma galeria recoberta por telhado de meia-água sustentado por pilares, ou eventualmente por arcos, desenvolvida ao longo da fachada principal e lateral de um templo e freqüentemente em três lados.

Nestas duas formas, especialmente na primeira, já aparecem em gravuras e quadros do período de ocupação holandesa e se conservam em numerosas capelas do século XVII. O primeiro, rebatizado no Brasil como copiar, teve grande aceitação no país, sendo utilizado ainda no século XIX, na Bahia e Sergipe. Já o segundo tipo, originário das regiões de Estremadura e Alentejo, teve menor difusão entre nós.

## A SOBREVIVÊNCIA DOS ARQUÉTIPOS

Não obstante serem transplantados já desenvolvidos, sobreviveram entre nós formas muito arcaicas de estruturas que antecederam o aparecimento dos alpendres, tal como o conhecemos modernamente. Na Bahia, duas capelas possuíam saguões fechados precedendo a nave. A mais antiga é a de N. Sra. da Ajuda, em Cachoeira, edificada entre 1595 e 1606, pelo Cap. Álvaro Rodrigues Celestino Adorno, filho de Antônio Dias Adorno, sob a invocação de N. Sra. do

Rosário. Tendo se arruinado, foi reconstruída, em 1673, por seu bisneto, João Rodrigues Adorno.[33] A capela aparece precedida por uma pronau com apenas uma porta de ingresso em gravura da segunda metade do século passado, reproduzida por Melo Moraes em *Brasil Histórico*. No final do mesmo século, foram abertas duas outras portas e substituído o telhado original de três águas por um novo, de duas. Infelizmente a restauração realizada, no início da década de 1960, não respeitou essa peculiaridade importantíssima do monumento.

Também a capela de N. Sra. de Nazaré, do Engenho Passagem dos Teixeiras, em Candeias, possuía disposição semelhante, como se pode verificar em fotografia reproduzida por Wanderley Pinho.[34] Este templo já existia em 1791, pois o mesmo autor encontrou nos livros da paróquia o registro de um batizado realizado ali, naquele ano. Trata-se de um vestíbulo mais vazado, com uma porta de ingresso ladeada de janelas, duas das quais situadas nas fachadas laterais. Na fotografia se vê com telhado de duas águas, mas parece ter possuído, originalmente, mais uma.[35]

Em um quadro de Frans Post aparece uma igreja com um anexo na frente da nave recoberto por telhado de duas águas e vazado por uma única porta, para onde se dirigem alguns fiéis. Curiosamente não se vê a capela-mor, não sendo clara a sua função.[36] Talvez a única pronau fechada que ainda se conserva no país se encontra em Sergipe. É um exemplar tardio, da segunda metade do século passado, mas interessantíssimo. A capela de Sant'Aninha, em Laranjeiras, é uma construção neoclássica, com nave recoberta por cúpula facetada e precedida por um vestíbulo, cuja única abertura é o arco de acesso. No fundo da capela fica a casa-grande do antigo engenho.

Os exemplos acima apontados são todos da mesma linha das igrejas de Lourosa e do Conselho de Mafra, que conduziram ao aparecimenot de alpendres tipo copiar. Há, porém, indicações de que existiram no Brasil vestíbulos fechados recobertos por telhados de meia-água, do mesmo tipo encontrado na Estremadura e Alentejo e que teriam gerado as capelas avarandadas. No quadro conhecido como "Capela rústica e casario" de Frans Post,[37] vê-se uma construção deste gênero, com uma só porta ladeada por duas seteiras. Apresenta um curioso telhado de meia-água, que sobre a porta se eriça em água furtada. Em outro quadro do mesmo pintor, este pertencente à coleção oferecida por Nassau a Luís XIV e atualmente no Louvre, vê-se uma igreja, supostamente de Serinhaém, precedida por um vestíbulo de transição entre o saguão fechado e o alpendre, do mesmo tipo dos encontrados nas capelas de Lindoso e Barroso, no norte de Portugal, com um frontíspicio vazado por uma única porta e laterais inteiramente abertas. Mas, em vez do telhado de duas águas da capelas portuguesas, a nordestina é recoberta por uma meia-água (fig. 5).

Post apresenta em seus quadros praticamente todas as etapas de evolução do alpendre luso-brasileiro, o que comprova que elas coexistiram no Brasil, durante o século XVII, como em Portugal, durante o século anterior. Além dos vestíbulos fechados e de transição, são freqüentes em sua obra as capelas com alpendres abertos com telhados de meia e mais freqüentemente de três águas.

Existe em Minas Gerais uma capela de tipo muito especial, com um vestíbulo fechado recoberto por telhado de meia-água: N. Sra. da Saúde, em Chapada do Norte.[38] Trata-se de uma capela de nave hexagonal contornada por um corpo anelar, mais baixo, recoberto por meia-água, na linha da igreja de São Mamede de Janas, em Sintra. Aliás, os alpendres brasi-

leiros mantiveram, mais que os portugueses, sua privacidade, mediante o uso de grades, que em alguns casos chegam a dificultar a visão do seu interior, como em S. José de Minas Novas, Minas Gerais. Também gradeados, embora mais abertos, são os copiares de S. José do Genipapo, em Castro Alves; S. Antônio dos Velasquez, em Vera Cruz; Escada, em Salvador; e N. Sra. da Conceição, em Nazaré, todos na Bahia; e S. Roque de Serinhaém, em Pernambuco. Outros são protegidos por muros relativamente altos, como N. Sra. do Socorro, na Paraíba, e Bento Simões, em Irará, Bahia.

A influência mourisca na arquitetura religiosa luso-brasileira não se restrigiu aos vestíbulos. São da mesma origem os painéis de azulejos tipo tapete, os embrechados de cacos de louça que revestem torres e frontões [39] e os panos de gelosias separando o coro e a nave em muitos monastérios de freiras. A capela alpendrada de St°. Antônio, em S. Roque, São Paulo, fundada em 1681,[40] conserva um imenso painel deste tipo, servindo de fachada ao templo. Não se conheceu seu copiar primitivo, mas é provável que ele fosse gradeado, como o de Minas Novas, inclusive por razões de segurança.

## TIPOLOGIA DAS CAPELAS ALPENDRADAS BRASILEIRAS

São mais de quarenta as capelas alpendradas conhecidas no Brasil. Só na Bahia o Inventário de Proteção do Acervo Cultural cadastrou 24 templos com alpendres, muitos dos quais ainda se conservam, enquanto outros deixaram vestígios seguros de sua existência. Lemos conseguiu identificar cinco capelas deste tipo em S. Paulo e indicações sobre alguns alpendres desaparecidos, como os das igrejas do Colégio, Carmo e Misericórdia. No Rio de Janeiro conservam-se pelo menos cinco capelas com copiar. Nos demais estados há notícias de várias capelas deste gênero, o que permite uma classificação tipológica das mesmas. Em função da combinação dos dois tipos básicos de estruturas, as capelas alpendradas brasileiras podem ser classificadas em quatro grupos (fig. 3).

## CAPELAS COM COPIAR

Esta é a tipologia mais difundida no país. Na Bahia existem doze capelas deste tipo, a maioria das quais situada no Recôncavo e originária do século XVII, como Monte Serrat (1650-1679), Escada (fig. 3) e N. Sra. de Guadalupe, no município de Salvador; S. Antônio de Velasquez, em Vera Cruz; Camamu (1649), em Nazaré; N. Sra. da Ajuda (1673), em Cachoeira; e Capanema, em Maragogipe. São do século XVIII as capelas de S. José do Genipapo (1704), em Castro Alves; N. Sra. da Conceição (1742), em Nazaré; e Capela do Engenho Passagem dos Teixeiras. Muito curiosa é a capela de N. Sra. das Vitórias, no Asilo dos Expostos, em Salvador, obra neogótica do último terço do século XIX, com copiar sustentado por arcos em filigrana de ferro forjado.[41] Fora do Recôncavo, apenas um exemplo de capela com copiar simples: Santana do Rio do Engenho (séc. XVII), em Ilhéus, localizada em terras que pertenceram a Mém de Sá e que foram doadas aos jesuítas. Esta capela apresenta um alpendre recoberto por telhado de duas águas, o que é raro. Ainda no Nordeste temos as capelas de N. Sra. do Socorro, na Paraíba, edificada após a expulsão dos holandeses,[42] que conserva colunas de pedra cilíndricas; e de S. Roque, em Serinhaém, Pernambuco, reconstruída no século XVIII.[43]

Também na região Sudeste está é a tipologia mais freqüente. Só em S. Paulo encontramos dois exemplares do século XVII: as capelas de S. Antônio (1681), em S. Roque; e N. Sra. do Morro Voturuna (1687).[44] As cinco capelas alpendradas existentes no Rio de Janeiro são todas com copiar: N. Sra. da Cabeça, do Antigo Engenho d'El-Rei, originária do início do séc. XVII;[45] Sant'Ana, da Faz. Columbandê, em S. Gonçalo, construção jesuítica do século XVIII; N. Sra. da Guia (1740), em Cabo Frio; Bonfim (1780), em Angra dos Reis,[46] que apresenta a peculiaridade do copiar estar deslocado do eixo da igreja; e a capela da Faz. Posse, em Nova Iguaçu.[47] Do século XVIII, são dois templos mineiros: S. José, em Minas Novas, uma interessantíssima capela de planta octogonal, com copiar saliente, protegido por balaústres de madeira, e a capela da Fazenda Borda do Campo, em Barbacena, que pertenceu ao inconfidente José Aires Gomes.[48]

Muitos copiares dos séculos XVI e XVII se perderam, como se deduz das pinturas de Frans Post e gravuras de Barleus. Eles eram utilizados não só em capelas de engenho, como em igrejas de conventos franciscanos, a exemplo dos de Igarassu, Serinhaém e de outra localidade não identificada,[49] e na igreja de N. Sra. da Graça do colégio dos Jesuítas de Olinda.[50] Nesta condição nenhum sobreviveu, mas foram eles que abriram o caminho para as fachadas franciscanas em galilé, comuns no Nordeste. Pequenos copiares foram usados também, como na arquitetura civil, para proteger o ingresso de conventos e colégios e com esta função se conservam em S. Bento do Rio de Janeiro; Penha, em Vila Velha, no Espírito Santo; Carmo de Cachoeira (restaurado), na Bahia. Sabe-se de sua existência, também, em alguns colégios jesuítas, como os de Salvador e da Vila de Abrantes.[51]

## CAPELAS COM COPIAR E ALPENDRES LATERAIS

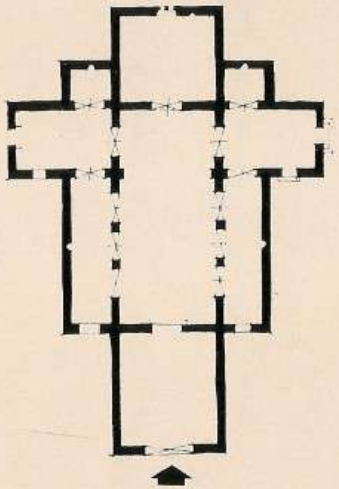
Este tipo de templo surgiu e se difundiu no sertão baiano, no século XVIII. A varanda lateral resolveu dois problemas não solucionados na primeira tipologia; articulação da sacristia com os demais elementos do programa e proteção às escadas externas de acesso ao púlpito e ao coro. São exemplos: a capela franciscana do Bom Jesus da Glória, ou Missões, em Jacobina (1706); (fig. 3); S. Sebastião, em Caetité; e capela de Bento Simões, em Irará.[52] Esta última é a que apresenta o plano mais desenvolvido: dois alpendres laterais simétricos, além do copiar. Conserva, porém, um elemento arcaico: arcos nas galerias laterais.

Há, na verdade, uma igreja originária do século XVII, S. Lourenço de Itaparica, que possuiu copiar e um pequeno pórtico avarandado de acesso ao corredor lateral. O edifício parece ter sido modificado no século XVIII e é provável que o corredor e o alpendre lateral, o único que se conserva, sejam desta época.[53]

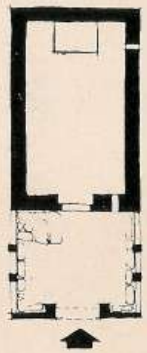
## CAPELAS ENVOLVIDAS POR ALPENDRES DE MEIA-ÁGUA

Como em Portugal, os alpendres de meia-água exclusivamente ao longo da fachada principal são raros no Brasil. Temos conhecimento de sua existência apenas através dos pintores holandeses. Além dos dois vestíbulos fechados já referidos, podem-se citar dois abertos: um no quadro de Frans Post, catalogado por Larsen sob o número 57, e outro no quadro de Z. Wagner

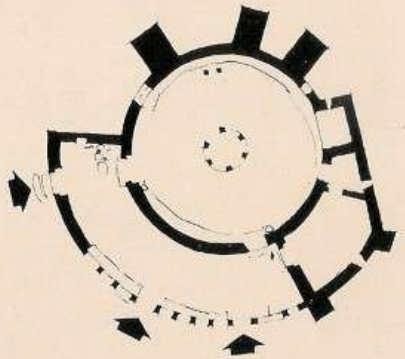
## ALGUNS TIPOS PRIMITIVOS DE IGREJAS ALPENDRADAS PORTUGUESAS



IGREJA COM PRONAU FECHADA
S. PEDRO DE LOUROSA



CAPELA COM ALPENDRE DE TRANSIÇÃO
Sta Ma MADALENA DE LINDOSO



IGREJA CIRCULAR ENVOLVIDA POR ALPENDRE
S. MAMEDE DE JANAS , SINTRA

FIG.I

## GÊNESE DOS ALPENDRES DAS CAPELAS PORTUGUESAS

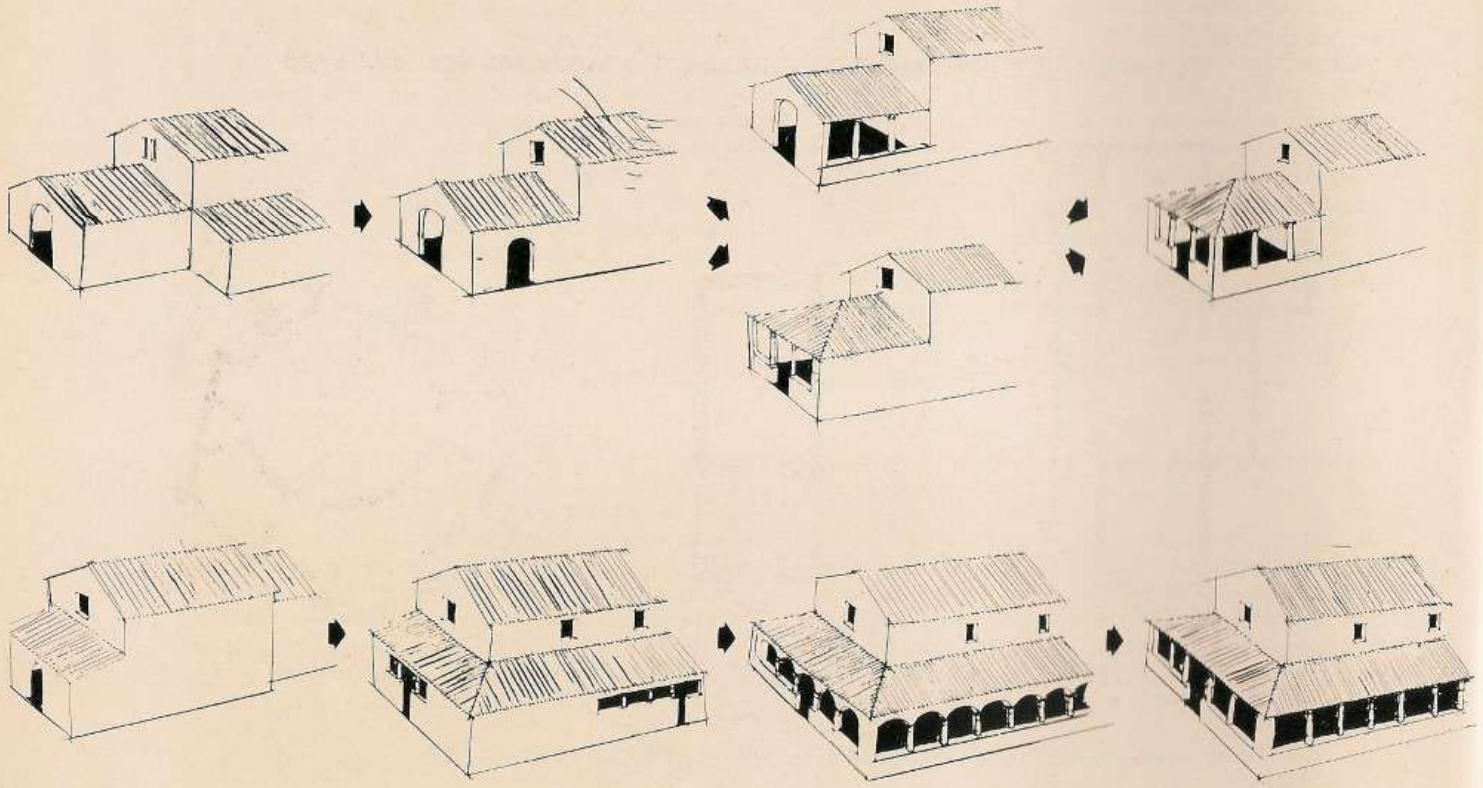
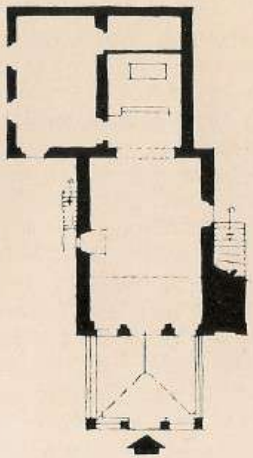
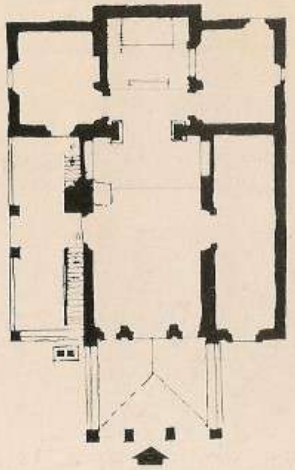


FIG. 2

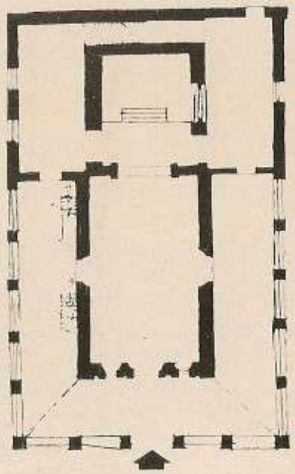
# TIPOLOGIA DAS CAPELAS ALPENDRADAS BRASILEIRAS



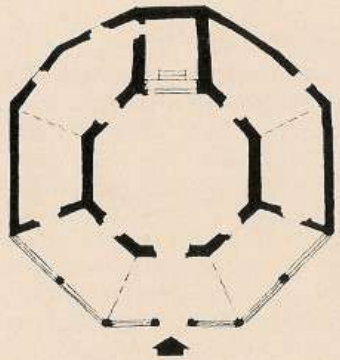
CAPELA COM COPIAR
ESCADA, Ba.



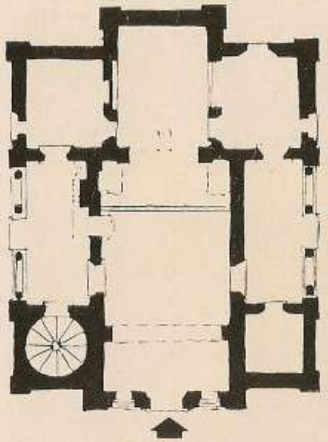
CAP. COM COPIAR E ALPENDRE LATERAL
MISSÕES, Ba



CAP. RETANGULAR ENVOLVIDA POR ALPENDRES
ENGENHO LAGOA, Ba

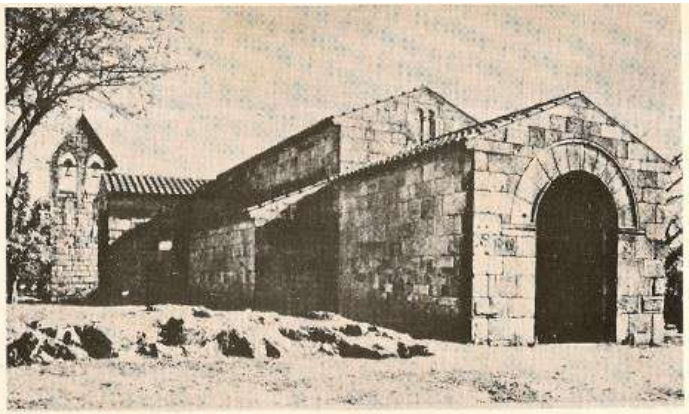


CAP. POLIGONAL ENVOLVIDA POR ALPENDRES
ENGENHO D'AGUA, Ba.



CAP. COM ALPENDRES LATERAIS DE CIRCULAÇÃO
S. BRAS, Ba

FIG. 3



4. Igreja de Lourosa, do século X, primeira pronau fechada — Portugal.

5. Alpendre de transição na obra de Frans Post — Pernambuco.

6. Capela avarandada do Engenho Caieiras — Sergipe — 1750.

que retrata o Eng. Maciape.[54] Os alpendres do gênero que chegaram até nós envolvem sempre dois ou três lados do edifício. O mais antigo que se conserva está na capela de São Miguel, em São Paulo, uma construção jesuítica, datada de 1622, mas reformada em meados do século XVIII. A desarticulação das duas varandas parece indicar que são de épocas diferentes. É provável que neste caso tenha havido influência de igrejas missionárias paraguaias e bolivianas, através dos contactos desenvolvidos em função do aprisionamento de índios e contrabando com o Alto Peru.[55] Isto explicaria o aparecimento precoce do corredor lateral neste templo. Inspirada por esta, é a capela de Santo Ângelo, em Mogi das Cruzes, datada de 1738.[56]

No Nordeste, onde há pelo menos quatro templos deste gênero, o exemplo mais antigo é, provavelmente, do século XVII. A capela do Engenho Lagoa, em São Sebastião do Passé na Bahia, apresenta atualmente alpendres sustentados por arcos nas fachadas laterais, mas conserva cachorros e arranques de pilares que comprovam que a varanda envolvia os três lados do edifício,[57] como na capela do Eng. Caieiras (fig. 6), em S. Amaro das Brotas, Sergipe, construída em 1750.[58] Do mesmo gênero, segundo informações que recebi, é a capela da Ilha de Livramento, defronte de Alcântara, no Maranhão.[59] Realmente estas capelas se assemelham muito, tanto volumétrica, quanto construtivamente, com as casas-grandes avarandadas surgidas no país na segunda metade do século XVIII. Se houve influência de uma arquitetura sobre a outra, foi da religiosa sobre a civil, como sugere Cardoso.[60] As capelas mais antigas deste gênero datam do século XVI, em Portugal, e do XVII, no Brasil.

Uma variante muito interessante desta tipologia são as capelas de planta poligonal contornadas por alpendres de meia-água, como a capela do Engenho d'Água (fig. 3), em S. Francisco do Conde, Bahia, originária do século XVII, mas reconstruída em 1763.[61] Esta capela está na mesma linha de S. Gregório de Tomar e N. Sra. de Ceiça em Portugal, mas sem cúpula. Embora mais nova, provavelmente do final do século XVIII, a capela de N. Sra. da Saúde,[62] em Chapada do Norte, Minas Gerais, se mantém fiel a um modelo arcaico, pois apresenta nave hexagonal envolvida por um corpo fechado mais baixo, como S. Mamede de Janas, em Sintra.

## CAPELAS COM ALPENDRES-CORREDORES

Esta tipologia teve maior difusão na Bahia. Nos monumentos mais antigos, o alpendre se restringe a um só lado, como nas igrejas de N. Sra. da Encarnação de Passé (séc. XVII), em Candeias, e S. Antônio dos Índios (século XVII), em Jaguaripe. A estes podemos acrescentar um exemplo mais novo: Santo Amaro do Catu, na Ilha de Itaparica. No último terço do século XVII, a Capela de São Brás, em Stº. Amaro, cuja autoria é atribuída a Frei Macário de São João,[63] introduziu uma planta nova, (fig. 3), com varandas laterais, ligando as sacristias às torres. Três matrizes da mesma região e época — N. Sra. do Monte do Recôncavo, em S. Francisco do Conde; S. Bartolomeu de Maragogipe; e Santo Amaro de Ipitanga, em Lauro de Freitas — adotaram plantas muito semelhantes, embora suas galerias laterais fossem superpostas por tribunas. No século seguinte se difundem na Bahia as igrejas de corredores laterais, mas o esquema de São Brás não é abandonado, como se pode observar na matriz de Oliveira dos Campinhos, em Stº Amaro, projetada em 1724; capela do Eng. Campinas, em Cachoeira; e capela de N. Sra. da Boa Esperança, em Salinas da Margarida. Do mesmo tipo era a primitiva igreja da Conceição, em Jacobina. Fora da Bahia, só tenho conhecimento de uma capela

que retrata o Eng. Maciape.[54] Os alpendres do gênero que chegaram até nós envolvem sempre dois ou três lados do edifício. O mais antigo que se conserva está na capela de São Miguel, em São Paulo, uma construção jesuítica, datada de 1622, mas reformada em meados do século XVIII. A desarticulação das duas varandas parece indicar que são de épocas diferentes. É provável que neste caso tenha havido influência de igrejas missionárias paraguaias e bolivianas, através dos contactos desenvolvidos em função do aprisionamento de índios e contrabando com o Alto Peru.[55] Isto explicaria o aparecimento precoce do corredor lateral neste templo. Inspirada por esta, é a capela de Santo Ângelo, em Mogi das Cruzes, datada de 1738.[56]

No Nordeste, onde há pelo menos quatro templos deste gênero, o exemplo mais antigo é, provavelmente, do século XVII. A capela do Engenho Lagoa, em São Sebastião do Passé na Bahia, apresenta atualmente alpendres sustentados por arcos nas fachadas laterais, mas conserva cachorros e arranques de pilares que comprovam que a varanda envolvia os três lados do edifício,[57] como na capela do Eng. Caieiras (fig. 6), em S. Amaro das Brotas, Sergipe, construída em 1750.[58] Do mesmo gênero, segundo informações que recebi, é a capela da Ilha de Livramento, defronte de Alcântara, no Maranhão.[59] Realmente estas capelas se assemelham muito, tanto volumétrica, quanto construtivamente, com as casas-grandes avarandadas surgidas no país na segunda metade do século XVIII. Se houve influência de uma arquitetura sobre a outra, foi da religiosa sobre a civil, como sugere Cardoso.[60] As capelas mais antigas deste gênero datam do século XVI, em Portugal, e do XVII, no Brasil.

Uma variante muito interessante desta tipologia são as capelas de planta poligonal contornadas por alpendres de meia-água, como a capela do Engenho d'Água (fig. 3), em S. Francisco do Conde, Bahia, originária do século XVII, mas reconstruída em 1763.[61] Esta capela está na mesma linha de S. Gregório de Tomar e N. Sra. de Ceiça em Portugal, mas sem cúpula. Embora mais nova, provavelmente do final do século XVIII, a capela de N. Sra. da Saúde,[62] em Chapada do Norte, Minas Gerais, se mantém fiel a um modelo arcaico, pois apresenta nave hexagonal envolvida por um corpo fechado mais baixo, como S. Mamede de Janas, em Sintra.

## CAPELAS COM ALPENDRES-CORREDORES

Esta tipologia teve maior difusão na Bahia. Nos monumentos mais antigos, o alpendre se restringe a um só lado, como nas igrejas de N. Sra. da Encarnação de Passé (séc. XVII), em Candeias, e S. Antônio dos Índios (século XVII), em Jaguaripe. A estes podemos acrescentar um exemplo mais novo: Santo Amaro do Catu, na Ilha de Itaparica. No último terço do século XVII, a Capela de São Brás, em St°. Amaro, cuja autoria é atribuída a Frei Macário de São João,[63] introduziu uma planta nova, (fig. 3), com varandas laterais, ligando as sacristias às torres. Três matrizes da mesma região e época — N. Sra. do Monte do Recôncavo, em S. Francisco do Conde; S. Bartolomeu de Maragogipe; e Santo Amaro de Ipitanga, em Lauro de Freitas — adotaram plantas muito semelhantes, embora suas galerias laterais fossem superpostas por tribunas. No século seguinte se difundem na Bahia as igrejas de corredores laterais, mas o esquema de São Brás não é abandonado, como se pode observar na matriz de Oliveira dos Campinhos, em St° Amaro, projetada em 1724; capela do Eng. Campinas, em Cachoeira; e capela de N. Sra. da Boa Esperança, em Salinas da Margarida. Do mesmo tipo era a primitiva igreja da Conceição, em Jacobina. Fora da Bahia, só tenho conhecimento de uma capela

com alpendres laterais: Santa Cruz de N. Senhor Morto, em Areias, SP., do final do século XVIII.[64]

Como se pode observar, foram transplantados para o Brasil modelos de capelas alpendradas em todas as suas etapas de evolução, desde as mais primitivas, com vestíbulos fechados, até as mais desenvolvidas com alpendres inteiramente vazados, tanto recobertos por telhados de três águas, quanto de meia-água. Sua difusão se fez no litoral de S. Paulo ao Maranhão. A área de maior difusão foi o Recôncavo baiano, que mantinha mais ligação com a Metrópole. No interior, estes templos não só são raros e mais novos, como assumiram feições diferenciadas com relação aos modelos portugueses. No sertão baiano, por exemplo, aparece no século XVIII uma tipologia desconhecida em Portugal: capelas com copiar e alpendres laterais corredores.[65] Em Minas Gerais surge, também, um tipo especial, a capela de planta poligonal com copiar inteiramente fechado por balaústres de madeira.[66] Mas a grande contribuição brasileira ao tema data da segunda metade do século XVII, com as capelas de alpendres laterais ligando as sacristias às torres, que iriam conduzir ao aparecimento de uma igreja autenticamente brasileira com corredores fechados superpostos por tribunas.

## EVOLUÇÃO FUNCIONAL DOS ALPENDRES

A evolução morfológica dos alpendres luso-brasileiros resultou de sua evolução funcional, que é, por sua vez, conseqüência de transformações sócio-culturais. De origem moçárabe, salvo melhor juízo, ele foi originalmente um elemento de proteção da intimidade do templo, um saguão, quando os cristãos eram uma minoria entre os muçulmanos. Pouco a pouco foi se abrindo e se integrando à rua, se transformando em uma expansão da nave e área de intercurso social.

Uma das mais importantes funções dos alpendres é a de abrigar peregrinos, durante as festas religiosas. É este fato que explica que a grande maioria das capelas alpendradas são rurais, tanto em Portugal, quanto no Brasil. A este propósito convém lembrar que em muitas capelas portuguesas, do século XVI em diante, o púlpito fica sob o alpendre, junto à porta da nave, e dele pregava o sacerdote para um grande número de romeiros ao ar livre. Entre outros exemplos, podem-se citar as seguintes capelas com esta disposição: Santo Amaro, em Arosa, Guimarães; Stª Maria Madalena, em Lindoso; Pousadouro, em Tabuaças, Vieira do Minho; capelas situadas em Chaves, Barroso, Borba[67] e Lubazim,[68] e as capelas de N. Sra. da Piedade, em Vila Nova, Miranda do Corvo[69] e Geraz, em Póvoa de Lenhoso, Braga. Este costume não pegou ao Brasil.

Em muitos casos, chega-se, mesmo, a dormir nestes alpendres. Na capela da Senhora da Saúde,[70] em Montalegre, Portugal, não sendo o alpendre suficiente para abrigar o grande número de peregrinos que afluem em certo período do ano, foram construídos dois grandes avarandados com a mesma função, que permanecem quase o ano inteiro sem nenhum uso. As galerias e pórticos têm sido utilizados com igual finalidade. É bem conhecida a solução adotada em Cabo Espichel, Portugal, onde se construíram, em 1757, dois enormes conjuntos de casas elevadas sobre galerias, para abrigar o excedente de romeiros durante as festas religiosas.

No Brasil as capelas alpendradas estão sempre associadas a situações de grande afluência de fiéis. A maioria são capelas de engenho ou fazenda, onde a população escrava era muito grande e as cerimônias religiosas cumpriam uma importante função de integração e controle

social do grupo. Outras eram mecas de peregrinação, como S. Antônio dos Velasquez em Vera Cruz, e Camamu, em Nazaré, ambas na Bahia; Senhor do Bonfim, em Angra dos Reis, e a capela da Ilha do Livramento, no Maranhão, em cujas varandas os romeiros estendem suas redes, quando surpreendidos pelas marés altas que os isolam da terra firme. Algumas destas capelas apresentam alpendres maiores do que o próprio santuário. É o caso da capela da Penha, na Paraíba, documentada por Saia, onde o alpendre é formado por quatro filas de pilares que suportam um telhado de duas águas, algumas vezes maior que a capela. Lemos conheceu na praia de Perequê, no Guarujá, uma capela de escravos que antes da última reforma era um simples alpendre de duas águas inteiramente aberto, ficando o santuário resumido a um nicho, protegido por duas portas.[71] Há também capelas missioneiras, como S. Miguel, em São Paulo; Santo Antônio dos Índios e Igreja das Missões, na Bahia.

O teatro sempre foi um dos meios utilizados pela Igreja para se relacionar com a comunidade. Os alpendres e pórticos, ainda que não fossem criados exclusivamente para esta função, desempenhavam muito bem o papel de um palco. Documento que se guarda na Igreja de São Mamede de Évora, Portugal, referente à primeira procissão promovida, em 1564, pela Irmandade do SS. Sacramento naquela igreja, dá conta de que após o séquito foi representado um auto religioso no seu pórtico.[72] Bazin confirma que a "galilé" servia no Brasil a algumas cerimônias religiosas, como o encontro das procissões. Na festa de Ramos, que se revive a entrada de Cristo em Jerusalém, após o retorno da procissão, se realiza um diálogo entre dois coros, um situado na "galilé" e outro dentro da nave fechada. Após golpear três vezes a porta, a procissão ingressa na igreja ao som de cânticos.[73] Saia aponta o fato da coroação do rei negro durante as "congadas" ser feita à porta da igreja como argumento de sua tese de que o alpendre servia, como o "nártex", a impedir o acesso à igreja de determinadas classes sociais ou pessoas, esquecendo-se de que os autos religiosos sempre foram encenados nos adros de igreja.

Outra função que o alpendre luso-brasileiro desempenha é a de ser um espaço mais informal que a nave, menos religioso e mais social, onde se participa da cerimônia mas, ao mesmo tempo, se pode conversar.[74] *"Os ofícios e as festividades possibilitam os contactos sociais num plano bastante significativo para as tradições místicas e daí a adaptação do templo e suas imediações a uma realização plena dessa sociabilidade — o adro, o alpendre, o largo com o coreto das festas são a expressão arquitetônica e urbanística duma vivência colectiva".*[75]

O alpendre como espaço socializante do culto não exclui que ele seja um instrumento de manutenção da sociedade de classes. Nos engenhos, onde o grupo era mais estratificado e as barreiras sociais bem marcadas, este fato é perfeitamente perceptível. Nas capelas de engenho do Recôncavo baiano por exemplo, ao lado da capela-mor, e ligada a ela por uma janela com treliças, existe sempre uma sala onde os membros mais elevados da hierarquia patriarcal assistiam à missa; a nave era reservada, provavelmente, para os convidados, assalariados e forros, assim como o alpendre e o adro para o exército de escravos. Mas nem por isto ele se assemelha ao "nártex", mesmo porque este funcionava mais como um filtro religioso do que social, impedindo o acesso ao templo daqueles que não estavam em estado de graça, o que não ocorria entre nós, onde a permissividade era praticamente completa. *"Na Igreja brasileira, não há o que possa causar espanto: está fora de todas as regras",* observou Saint-Hilaire.[76] O nosso alpendre não se confunde, também,

com as "capillas abiertas" da América Espanhola, onde se recitava o catecismo e se celebrava a missa para a multidão de índios ao ar livre, em condição semelhante à dos catecúmenos.

Embora um elemento de proteção, o saguão das primitivas capelas moçárabes não era, propriamente, um instrumento de segregação. Sua abertura progressiva, conjuntamente com a eliminação do véu das mulheres e das rótulas das janelas, representaram a rutura dos últimos padrões de comportamento oriental e a nossa integração plena à Cultura Ocidental.

## NOTAS

1. SAIA, Luís. O Alpendre nas capelas brasileiras, in *Rev. do SPHAN*. Rio de Janeiro, nº 3, 1939, pp. 235-249.
2. Idem, p. 241.
3. CARDOSO, Joaquim. Um tipo de casa rural do D.F. e Estado do Rio, in *Rev. do SPHAN*. Rio de Janeiro, nº 7, 1943, pp. 209-253.
4. BAZIN, Germain. *L'Architecture Religieuse Baroque au Brésil*. S. Paulo/Paris, L. Plon, 1958, Tomo I, p. 115 e Tomo II, pl. 5 e 25.
5. CARDOSO, op. cit.
6. Para verificação confira-se *IAP — Inventário Artístico de Portugal*. Lisboa, 1943, 1945, 1949, 1952, vol. I, est. LXV, CXI, CXC; vol. II, est. CCXIX, CCXVII; vol. III, est. XCVIII, CII, CXXII, CXXXV, CLX, CLXIII, CLXX, CLXXII; vol. IV. est. LX, XCV, CXII, CXVIII, CLIX, CLXIII, CLXIX. Sobre o mesmo assunto vide *AAP — Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, pp. 90, 92-94, 110, 198, 199, 214, 304, 333, 343, 442-445, 559.
7. *IAP, Inventário Artístico de Portugal*. Lisboa, vol. IV, pp. 169-176.
8. *APP — Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, p. 559.
9. Idem, p. 557 e PROENÇA, Raul, *Estradas de Portugal*. Porto, Lello, s. d., vol. 8, pp. 8, 11.
10. LUCENA, Armando. *Monografia de Mafra*. Mafra, C.M. de Turismo, s/d.
11. Ibidem, p. 78.
12. Idem, pp. 89-94.
13. KUBLER, George. *Portuguese Plain Architecture, between Spices and Diamonds*, 1521-1706. Connecticut, Wesleyan University Press, 1972, pp. 20-23.
14. *IAP*. vol. II, est. CCXVI e CCXIX e vol. I. est. CXI, p. 100.
15. *APP*, p. 200.
16. *IAP*, vol. III, est. CLX e p. 126.
17. *IAP*, pp. 92, 93, 199.
18. Ibidem, p. 343.
19. *IAP*, vol. I, est. LXV, pp. 44, 45.
20. Idem, vol. IV. est. CXII, p. 127. Eles aparecem, também, embora de forma mais discreta, nas capelas de S. Maria de Almonda (séc. XVIII) e S. Brás da Romeira (séc. XVII), em Santarém; N. Sra. do Pranto, em Montemor-o-Velho, Coimbra; Santo Mártir, em Arcos de Valdez; Sr. dos Perdidos, em Ponte de Lima; e em duas capelas situadas em Chaves e em Sernancelle (*IAP*. vol. III, est. XVIII, CXXXV; vol. I, est. CXXII; e *APP*, pp. 94, 190 e 304). O mesmo ocorre nas capelas de S. Lourenço e S. Mamede, no povoado homônimo, perto de Óbidos.
21. *IAP*, vol. I, est. CXC, p. 169.
22. *APP*. pp. 442-445.
23. Ibidem, p. 337.
24. *IAP*, vol. III, est. CXXII, p. 78.
25. KUBLER, op. cit., p. 157.
26. *IAP*, vol. III, est. CLXXII, p. 150; vol. IV, est. CLXIX, p. 221.
27. MOUTINHO, Mário. *A Arquitectura Popular Portuguesa*. Lisboa, Estampa, 1979, p. 116.
28. *APP*, pp. 94, 442.
29. LUCENA, op. cit., pp. 73-75.
30. *IAP*, vol. III, est. CLV, p. 118; vol. IV, est. XCX, p. 99.
31. SAIA, op. cit., p. 237.
32. CORONA e LEMOS. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. S. Paulo. Edart, 1972, p. 146.
33. SANTA MARIA, Fr. Agostinho de. Santuário Mariano... in *Rev. do IGHBa*. Salvador, nº 74, 1947 e SILVA, P. C. Datas e Tradições Cachoeiranas, in *Anais do Arquivo Público da Bahia*. Salvador, 1946, vol. XXIX.
34. PINHO, Wanderley. *Histórias de um Engenho do Recôncavo*, 1552-1944. Rio de Janeiro, Zélio Valverde, 1946.
35. *IPAC-Ba, Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia*. Salvador, SIC, 1978, vol. II, pp. 41, 42.
36. LARSEN, E., *Frans Post, interpréte du Brésil*. Amsterdan/Rio de Janeiro, Colibris, 1962, pl. 25, e SOUZA-LEÃO, J. FRANS POST, 1612-1680. Rio de Janeiro, 1973, pr. 20. A mesma solução de cobertura pode ser vista em duas outras telas do pintor: LARSEN, pl. 33, 85 e SOUZA-LEÃO, pr. 23, 28.

37. LARSEN, op. cit., pl. 135. SOUZA-LEÃO, op. cit. pr. 101. Agradeço ao arq. Eudes de Mello Campos Jr. esta e outras indicações sobre alpendres na obra de Post.

38. *Rev. FUNDAÇÃO JP.* Belo Horizonte, v. 9, nº 2, fev. 1979.

39. MELLO, Eduardo Kneese de. *A Herança Mourisca da Arquitetura no Brasil.* S. Paulo, USP. s/d.

40. ANDRADE, Mário. A Capela de Sto. Antônio, in *Rev. do SPHAN.* Rio de Janeiro, nº 1, 1937.

41. Sobre estas capelas vide *IPAC-Ba,* vols. I, II e III. Sabe-se da existência de dois outros copiares seiscentistas, já desaparecidos, na Bahia: um na igreja de S. Lourenço, em Itaparica, e outro na antiga capela do Eng. Embiara, em Cachoeira.

42. CARRAZZONI, Ma. Elisa. *Guia dos Bens Tombados.* Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1980, p. 268.

43. BAZIN, op. cit., vol. II, p. 150.

44. LEMOS, Carlos A.C. Capelas Alpendradas de São Paulo, in *Rev. Acropole.* S. Paulo, nº 160, 161, jun. jul. 1960.

45. VALADARES, Clarival do Prado. *Rio Barroco,* Rio de Janeiro, Bloch, 1978, foto 540.

46. CARRAZZONI, op. cit., pp. 377, 356 e 354.

47. CARDOSO, op. cit.

48. Agradeço a documentação referente a capelas alpendradas mineiras que me foi enviada, gentilmente, pela Profa. Suzy de Mello.

49. BAZIN, op. cit., vol. I, p. 150; vol. II. pl. 5a, 25a e 25c.

50. COSTA, Lúcio. Arquitetura dos Jesuítas no Brasil, in *Rev. do SPHAN.* Rio de Janeiro, nº 5, 1941.

51. Como ocorria em Portugal, pequenos copiares foram empregados na arquitetura civil brasileira. Dentre outros exemplos que se conservam, podem-se citar a Casa do Trem, em Santos; a Câmara e Cadeia de Pilar de Goiás; e uma casa de fazenda na Ilha Gipoia, no Rio de Janeiro, todos localizados no topo da escada de acesso ao sobrado.

52. MENDONÇA, Mário. A Capela de Conceição de Bento Simões, in *Rev. de Cultura da Bahia.* Salvador, nº 7, 1972.

53. *IPAC-Ba,* vol. II. pp. 63, 64.

54. SOUZA-LEÃO, J. *Frans Post.* Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1948, p. 60.

55. Sobre o assunto vide AMARAL, Aracy. *A Hispanidade em São Paulo.* S. Paulo, Nobel/USP, 1981.

56. LEMOS, op. cit.

57. *IPAC-Ba,* vol. II. pp. 215, 216.

58. CARRAZZONI, op. cit., pp. 497, 498.

59. Indicação fornecida pelos arquitetos Dora e Pedro Alcântara.

60. op. cit.

61. *IPAC-Ba,* vol. II, pp. 185, 186.

62. *Rev. Fundação J.P.* Belo Horizonte, vol. 9, nº 2, fev. de 1979.

63. NIGRA, D. Clemente Ma. da Silva. *Os escultores Fr. Agostinho da Piedade, Fr. Agostinho de Jesus e o arquiteto Fr. Macário de S. João.* Salvador, UFBa, 1971.

64. Ver texto.

65. A única capela identificada em Portugal, com alpendres frontal e lateral isolados, situa-se em Covilhã (*APP,* p. 333) mas o seu alpendre lateral é uma mera proteção a uma porta secundária de acesso à nave.

66. Sylvio Vasconcellos levanta, inclusive, a hipótese deste templo ter sido inspirado por alguma gravura européia, devido à semelhança com uma capela dos Templários, localizada em Loan, Aisne. Sobre o assunto vide "S. José de Minas Novas y su extraño antecedente", in *BCIHE.* Caracas, nº 19, dic. 1974, pp. 57-51.

67. *APP,* pp. 91, 92, 94, 199, 200, 234.

68. MOUTINHO, op. cit., p. 87.

69. *IAP,* vol. IV, p. 127, est. CXII.

70. *APP,* pp. 200, 201.

71. LEMOS, op. cit.

72. KUBLER, op. cit., p. 48.

73. BAZIN, op. cit., vol. I, pp. 122, 123.

74. LEMOS, op. cit.

75. *APP,* p. 443.

76. SAINT-HILAIRE, Augusto de. *Segunda viagem a São Paulo,* Livraria Martins, p. 50.